

## Abertura em Moscou

EM fins do ano passado falamos aqui nesta coluna acerca das atividades do grupo cinético russo «Dvijniè» (Movimento), liderado pelo jovem Lev Nusberg. As informações foram recolhidas no jornal francês de arte de vanguarda «Robbo» (que, aliás, publicará brevemente um número especial sobre Ligia Clark). Eis que só agora tenho em mãos o número 4 da revista Opus Internacional, que corresponde ao último trimestre de 67, todo é dedicado ao confronto URSS- E. U. A. Um editorial («Vers un Nouvel art soviétique») abre o panorama traçado por Opus 4, seguindo-se um depoimento de Rodtchenko sobre Vladimir Tatlin (ambos foram os criadores do Construtivismo, na Rússia, em 1913) e uma frase de Maiokowski sobre o retrato cinético de Lenine, em página inteira («A arte não é para as massas desde seu nascimento. Ela assim se torna, ao fim de uma soma de esforços. E' preciso saber organizar a compreensão»). Os demais artigos analisam a nova arte soviética, particularmente o grupo cinético liderado por Nusberg, cujo manifesto, datado de 1966, é publicado na íntegra.

Com o quê, temos mais elementos para informar nossos leitores.

### ABERTURA EM MOSCOU

Tem início por volta de 1957, não sendo Nusberg o único nem o pioneiro da arte de vanguarda na URSS, apesar de ser, sem sombra de dúvida, o mais importante.

Em 1957, paralelamente ao Festival Mundial da Juventude, foi realizada em Moscou uma exposição internacional de arte moderna, ocasião em que os soviéticos puderam ver as obras de artistas franceses e italianos, sobretudo. Este contato inicial dos artistas russos com a arte nova prosseguiu com a análise das obras dos maiores artistas do nosso século reproduzidas em livros de arte. Pequenas exposições de alguns pioneiros russos (Larionov, Gontcharova, Malevitch), realizadas quase na

surdina, em clubes e institutos serviu como reencontro com a própria arte de vanguarda nascida na Rússia, no início do século. Surgiram os primeiros renovadores da arte soviética, cujo trabalho é analisado pelos críticos Jindrich Challupecky («Ouverture à Moscou») e Miroslav Lamac («Quelque jeunes peintres»), Neizviestni, Tselkov, Veisberg, Krasnopievtsov, Lanine, Jakovlev (que faz uma espécie de impressionismo abstrato), Bulatov (abstração espacial), Eduard Chteinberg (redução monocromática da cor), Plavinski (estrutura de materiais), Jankilevsky (ídolos hieráticos sexuais e mecânicos), Kabakov e Roguinski («pop-art» tintada de fortes acentos russos), Soster (arte fantástica), Smirnov (gravura abstrata), Kharitonov (caligrafia ingênua), Grogman (arte de encamento poético), Boris Svechnikov e Anatol Zverev.

Em 1962 muitos dos artistas mencionados participaram de uma exposição realizada em Moscou, mostra que incluía as novas tendências da arte russa e algumas salas especiais. Pressionado pela União dos Artistas (órgão oficial), vem sem demora o anátema de Krushev. O discurso do gordo primeiro-ministro (que chamou os artistas de borra-bostas) deu início a uma violenta campanha da imprensa contra a arte moderna. Um funcionário da União dos Artistas, Lebedev acusa, no Pravda, os novos artistas de «propagar a arte decadente burguesa» e suas obras de serem «instrumento de luta política e ideológica dirigida contra a concepção comunista do mundo».

### DEGÊLO

Mas o degêlo parece iniciar-se por volta de 66-67, diminuindo a pressão do reacionarismo estalinista. No mesmo Pravda, em outubro de 66, uma escultora e funcionária da União dos Artistas, Eugênia Belachova, condenava a intolerância em relação à arte moderna, e «mais ainda a fabricação de definições prematuras» sobre a qualidade das obras. O grupo liderado por

Nusberg vê, então, condições para atuar, como iremos ver em próximo artigo.

### CARTAZ



anunciando a exposição do grupo cinético «Dvijniè», em Moscou, em 1966